

1. Metamorfose do urbano



Fig.1 Barcelos (Sul) – povoamento de matriz rural entre o Cávado e a A11



Fig.2 Porto – povoamento denso e contínuo

Fonte fig.1: JORGE, Filipe (coord.); Portugal visto do céu ; ed. Argumentum; Lisboa; 2009

Fonte fig.2: JORGE, Filipe (coord.); Portugal visto do céu ; ed. Argumentum; Lisboa; 2009

Podemos dizer que as alterações que estão a ocorrer no território, fazem parte da definição do fenómeno a que se pode chamar 'metamorfose do urbano'.

A 'cidade' como espaço organizado; onde a civitas, urbis e polis coincidiam; onde a clara organização política, social e económica se reflectia na organização dos espaços; onde era claro os seus limites, o 'dentro' e 'fora'; onde o seu desenho urbano se fazia em dois momentos: a edificação genérica (o quarteirão) e os grandes edifícios de poder (castelos, estruturas militares, conventos, igrejas, praças); há muito tempo que deixou de representar a realidade.

Este modelo de cidade é referido no senso comum como: 'histórica'; 'consolidada'; 'canónica'; 'antiga'; 'velha'; sendo que todas elas representam uma imagem de cidade ideal que ainda predomina no imaginário das pessoas. Exemplo disso, é o facto de se continuar a concentrar esforços na preservação e renovação do edificado e espaço público de matriz antiga, menosprezando o que está a acontecer no resto do território.

O modelo 'pré-explosão' da cidade, dominado pela lógica de aglomeração, de densidade, de distâncias curtas e de mobilidade reduzida, dá lugar ao novo modelo de 'urbanização extensiva', apoiado nas novas possibilidades técnicas de comunicação à distância e de rápida mobilidade física e relacional de bens, informação e pessoas.

A urbanização extensiva compreende um desconfinamento da cidade, que se encontra sobrecarregada por solo de maior valor e demasiada edificação, que impossibilita os grandes investimentos, os quais exigem uma rede viária de maior calibre e maior quantidade de solo livre.

A expansão dos aglomerados urbanos para os territórios envolventes torna-se necessária, a fim de atender às mudanças do sector económico (criação de áreas de logística, áreas de lazer e de consumo, áreas empresariais), uma vez que nestas áreas o custo de solo é mais barato e mais abundante.

O território deixa de ser um 'contínuo urbanizado', passando a uma urbanização que condensa: as densidades compactas da cidade histórica, com as novas densidades de carácter extensivo dos territórios rurais, agora integrados na lógica urbana; as formas contínuas de edificação com as novas formas emergentes, fragmentadas, que criam manchas com diferentes intensidades e densidades.

O novo espaço urbano é a expressão das novas interacções desenvolvidas a diversas escalas, que variam entre o global e o local. Neste contexto aumenta a inter-dependência entre cidades de média e baixa dimensão, as quais tiram partido das relações cada vez mais estreitas com cidades de maior concentração de poder económico, político e social, onde se concentram as actividades estratégicas e maior oferta de emprego, chamadas de 'metrópoles'.

Segundo Ascher: «Desde o início do século chamam-se metrópoles às mais dinâmicas e mais importantes aglomerações urbanas. Etimologicamente a *metrópole* é a antiga cidade grega, “mãe” das suas colónias que “exporta” os seus guerreiros, comerciantes e deuses. Esta imagem é perfeitamente aplicável à grande cidade moderna, que se define cada vez mais pela irradiação internacional das suas empresas, capitais, universidades, do que pelas funções regionais tradicionais e por uma retaguarda territorial donde extraía recursos e poder.»¹

«Apesar da ausência de uma definição precisa, a noção de metrópole é, actualmente, utilizada com frequência para qualificar de uma forma geral as principais aglomerações urbanas de um país que contêm algumas centenas de milhares de habitantes, que sejam multifuncionais e que mantenham relações económicas com muitas outras aglomerações estrangeiras.»² O fenómeno de globalização que produz tanto a homogeneização como a diferenciação, está por isso implícito nos processos territoriais de hoje.

A metrópole compreende uma fase do processo de urbanização a outra escala, que extravasa a cidade compacta, abrangendo territórios de matriz rural, em que o sector primário deixou de ser a base da sua economia, aumentando assim as deslocações quotidianas entre os centros urbanos principais e estas áreas (antigos territórios rurais), agora dependentes de relações de complementaridade económica.

A separação entre rural e urbano deixa, assim, de fazer sentido. Os limites físicos entre estas duas realidades já não são possíveis de serem materializados, resultado do ‘mix’ entre lógicas de urbanização antigas com antecedentes rurais, em conjunto com os novos materiais da vida contemporânea, que produz um território amorfo e impossível de ser catalogado de forma bi-conceptual (rural/urbano, cidade/campo).

Este fenómeno abrange todas as dinâmicas que produzem efeitos territoriais (dinâmicas sociais, económicas, culturais), dando origem à recomposição funcional e social dos espaços metropolitanos, tendo como pano de fundo os efeitos da globalização.

¹ ASCHER, François; *Metapolis: acerca do futuro da cidade*; Celta Editora; 1996; p.3

² Idem, Ibidem, p.4



Fig.3 Nova Iorque

1.1 Metropolização

François Ascher define uma segunda fase ‘pós-metropolização’ em que a ‘metrópole’ evolui para a ‘metápole’: «No entanto, ao desenvolvimento das metrópoles junta-se, agora, um fenómeno um pouco distinto: a “metropolização”, isto é, não somente o crescimento e multiplicação das grandes aglomerações, mas também a progressiva concentração das populações, das actividades e das riquezas no seu interior.»³

«Formam-se assim ‘metápoles’, quer dizer, vastos territórios à escala dos quais se organiza a vida urbana, doméstica e económica, formando um espaço urbanizado extenso, descontínuo, heterogéneo, polinuclear, que integra no mesmo conjunto cidade densa e neo-rural, pequena cidade, vila e subúrbio.»⁴

O processo de metropolização resulta no desenvolvimento das metápoles: «(...) vastas conurbações, extensas e descontínuas, heterogéneas e multipolarizadas.»⁵

«A metápole, espaço distendido, descontínuo, heterogéneo, polarizado, em recomposição; espaço de mobilidades variadas e irregulares; espaço de trajectos e de contactos face a face; espaço especializado pelas múltiplas lógicas socioeconómicas; espaço de conflitos. A metápole é, no mínimo, complexa. Nenhuma autoridade legal a regula, muito de cidadinidade a torna mais coesa e, no entanto, ela “move-se”! Certamente que não sem delapidações sociais e ambientais, mas apesar de tudo, funciona.»⁶

O conceito de ‘metápole’, segundo Ascher, é o mais representativo da complexidade dos novos espaços urbanos e expressa a sociedade que os utiliza. Este termo não se resume apenas ao núcleo urbano principal e às aglomerações urbanas a ele associadas.

A ‘metápole’ consiste essencialmente nos novos espaços produzidos pelos processos de reestruturação social e económica, e engloba todas as componentes da vida urbana contemporânea: os diferentes modos de vida, os processos de sociabilização e de individualização, a complexificação do espaço (espaço físico e relacional) e a complexificação da economia.

Não se trata, por isso, de uma forma, mas sim de diferentes materiais que quando combinados provocam reacções com efeitos territoriais. É tudo aquilo que a uma determinada escala territorial produz uma dependência muito forte, sendo por isso difícil de traçar um limite. O território passa a estar definido por vastas ‘conurbações’ – extensões geográficas de grande escala constituídas pelas relações entre núcleos urbanos distintos e de dimensões variáveis.

³ ASCHER, François; *Metapolis: acerca do futuro da cidade*; Celta Editora; 1996; p.4

⁴ ASCHER, François; *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos um léxico*, Livros Horizonte; 2010; p.105

⁵ Idem, Ibidem, p. 62

⁶ ASCHER, François; *Metapolis: acerca do futuro da cidade*; Celta Editora; 1996; p.135

1.2 O desenvolvimento urbano e as novas tecnologias: Sistema BIP e Sistema TIC

O crescimento das cidades esteve sempre relacionado com os sistemas de transporte e armazenamento de bens, informação e pessoas, a que Ascher apelidou de 'sistema BIP'. É a maneira como estes elementos se mobilizam no território que vai implicar transformações por vezes profundas no mesmo.

Graças ao desenvolvimento dos meios de transporte (especialmente o automóvel) e ao desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), essa mobilidade tornou-se mais flexível. Torna-se, agora, cada vez mais fácil comunicar à distância, quer seja através da televisão, internet, telemóvel, vídeo-conferência. «As tecnologias da informação e da comunicação desempenham um papel-chave nesta dinâmica. Não mudam de forma autónoma a sociedade mas, agarradas e aproveitadas pelos actores económicos e pelos indivíduos-consumidores, podem contribuir para lhe dar novas formas porque lhe estão particularmente adaptadas.» ⁷

«As TIC participam também activamente na aceleração de todos os movimentos de pessoas, de informação e de bens, sendo entendido que tudo aquilo que produz a diferença, sobretudo em termos de velocidade, se inscreve particularmente bem nas lógicas capitalistas que se baseiam na concorrência e na acumulação.» ⁸

A combinação deste tipo de comunicação 'instantânea' com o desenvolvimento dos meios de transporte em especial o individual (automóvel), pois é aquele que oferece maior flexibilidade de deslocações e em maior número, o que resulta numa combinação 'explosiva', que veio a modificar completamente o quotidiano das pessoas. A sociedade atinge uma liberdade de deslocação pelo território, de tal maneira que as deslocações casa/trabalho, trabalho/casa passaram a ser apenas um exemplo de entre milhares.

Por outro lado, dá-se a divisão e especialização do trabalho e o conseqüente desenvolvimento e do sector terciário que provocou grandes transformações na organização das empresas com implicações a nível territorial.

Todos estes fenómenos, que estão a ocorrer ao longo dos últimos séculos, têm origem em questões relacionais. Vive-se agora numa fase em que qualquer manifestação urbana está implícita neste novo tipo de organização sustentada pelos sistemas de comunicação.

⁷ ASCHER, François; *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos um léxico*; Livros Horizonte; 2010; p.54

⁸ Idem, Ibidem, p.55

1.3 Novo tipo de espaço urbano: o 'hiper-espaço'

A 'metápole' é definida pela abertura do espaço a novas dimensões e representa, por isso, uma nova condição relacional do espaço – o 'hiper-espaço' – espaço constituído por uma estrutura 'hiper-textual'.

O 'hiper-texto', por oposição ao 'texto' (estrutura com um único seguimento lógico) produz diferentes nexos, é constituído por materiais diversos, com associações diversas entre eles.

O 'hiper-espaço' é um novo conceito de espaço que tenta expressar as transformações que estão a ocorrer na sociedade. É um espaço caracterizado pela sobreposição de relações entre as mais diversas redes (redes de energia, informação, transporte, sociais), atribuindo um carácter dinâmico ao espaço urbano.

O 'hiper-espaço' é constituído pela combinação de diversas estruturas (físicas e metafísicas), é o espaço de redes, que se inter-ligam, e que têm utilizações bastante distintas pela sociedade. Como consequência, um espaço urbano é agora definido pelo grau de conectividade que este é capaz de produzir em relação às redes e, consequentemente, ao resto do território.

Os 'nexos' produzidos num hiper-espaço são comparáveis à teoria do 'espaço de fluxos' de Manuel Castells. Por fluxos, ele entende: «(...)as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interacção entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por actores sociais, nas estruturas económica, política e simbólica da sociedade.»⁹ Castells fundamenta que as alterações que estão a ocorrer actualmente no território são processos que expressam o tipo de sociedade que o habita, que levam ao surgimento de novas formas e processos espaciais que representam o novo panorama da vida económico, social.

O 'espaço de fluxos' é mais um conceito que define o espaço urbano contemporâneo, o espaço onde circulam pessoas, informação, bens, energia, em direcções, tempos e velocidades diversas.

⁹ CASTELLS, Manuel; *A sociedade em rede*, Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa; 2002; p.535

1.4 Sociedade hiper-texto

Com o desenvolvimento das redes (comunicação, transportes, etc.) surge uma nova geração a que Ascher denomina de 'sociedade hipertexto'. A 'sociedade hiper-texto' é uma denominação que caracteriza a sociedade actual. Esta sociedade da informação é potenciada pelo desenvolvimento dos 'mass média'.

Os 'mass média' produzem uma sociedade cada vez mais sociável e, ao mesmo tempo, individualista e diferenciada, em constante mudança (cada vez mais acelerada), instável, com múltiplas opções de movimentação e de apropriação do território. É a sociedade da multireferênciação e multipresença sociais.

O estudo dos processos de diferenciação social desenvolvido por François Ascher, dá-nos as principais componentes que participam na individualização da sociedade:

- Divisão do trabalho (aumento das especializações)
- Globalização (internacionalização da economia que produz diferenciação territorial)
- Sociedade de redes (sociedade hipertexto)
- Aumento da capacidade de escolha pelo indivíduo
- Aumento da possibilidade de mobilidade social (trajectórias de vida determinadas não pelo contexto social e cultural onde se nasceu, mas pela capacidade financeira)
- Auto-mobilidade (definida pela menor ou maior possibilidade de escolha do indivíduo a partir de vários meios de transporte (auto-carro, metro, comboio, carro, avião, a pé) para se deslocar, dá-se um aumento de trocas de ideias e culturas).
- Aumento da sociabilização (a possibilidade de comunicação aumenta com os novos meios de comunicação, e com a possibilidade de se moverem mais facilmente no espaço físico (novos transportes individuais e colectivos) e metafísico)

«Os indivíduos surgem assim como socialmente multipertencentes e socialmente plurais.»¹⁰

Sendo o espaço a expressão da sociedade, então a 'sociedade em rede' (M. Castells) e a 'sociedade hiper-texto' (François Ascher) designam uma mesma condição – uma sociedade em constante mudança, heterogénea, que mistura códigos culturais diferentes num mesmo espaço, uma sociedade individualizada, apoiada no desenvolvimento das novas redes tecnológicas e nas redes sociais, económicas, políticas e culturais. As grandes questões do desenvolvimento do território actual partem destas estruturas hiper-textuais, chamadas de 'links', que se interconectam uns aos outros, criando numa rede complexa. Estas estruturas podem ser acedidas de diversas maneiras pelos diversos indivíduos e grupos, dependendo dos meios que estes têm ao seu dispor.

¹⁰ ASCHER, François; *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos um léxico*; Livros Horizonte; 2010; p.43

1.5 Metamorfose do 'centro'

O entendimento do território construído, dos nossos dias, não se deve resumir somente ao estudo dos centros urbanos principais, estes são apenas um dos elementos que fazem parte de uma estrutura urbana mais complexa e que abrange diferentes escalas de entendimento.

Para entendermos as mudanças territoriais que estão a ocorrer longe dos centros tradicionais, é necessário entender as lógicas que acompanham estas transformações, analisando-as com base na confrontação entre os processos de 'metamorfose' dos núcleos urbanos mais antigos e as novas aglomerações que estão a se desenvolver longe dos mesmos. As relações comerciais e sociais, as alterações económicas, são apenas alguns dos elementos que contribuem para o enquadramento do problema.

Os centros antigos, que em tempos tinham o monopólio de serviços, equipamentos de referência, estações de comboio, sedes de empresas, sedes do poder político, deixam, agora, de poder comportar com toda a carga funcional exigida pela vida actual. Muitos deles passaram por mudanças sociais de uso dos espaços que destruíram e apagaram o significado original dos mesmos; outros vivem apenas do seu valor simbólico/histórico; outros constroem novos significados, renovam os seus espaços e edifícios; outros passam por processos de 'gentrificação'.

O centro antigo, também apelidado de 'tradicional', em tempos era o centro formal, simbólico e funcional das cidades. Era a conjugação destes três elementos que o distinguia indubitavelmente do resto do tecido urbanizado. Na urbanística clássica, a condição central estava directamente ligada às lógicas de contiguidade e continuidade.

No contexto actual, ainda que permaneça o seu valor simbólico e histórico, o centro antigo já não possui a flexibilidade suficiente ao nível formal (de desenho urbano) para se adaptar à variabilidade das novas formas de vida, da economia e aos grandes fluxos viários gerados pela condição contemporânea.

O espaço público contido, as tipologias de edificado limitadas, a falta de espaço livre de grandes dimensões, os espaços canais que já não comportam a pressão a nível de tráfego exigida pela explosão de serviços, a falta de estacionamento em massa, são alguns dos problemas que estes espaços apresentam e consequentemente constituem as causas da explosão de novos núcleos funcionais e simbólicos pelo território extensivo, que definem as centralidades emergentes.

1.5.1 Território policêntrico

A redistribuição de funções de carácter distinto pelo território, aliada a condições favoráveis como uma boa acessibilidade e visibilidade, são as principais condições geradoras de 'novos centros'. Estes centros surgem no contexto de 'explosão urbana' em que toda a estrutura territorial é alterada. As dinâmicas sociais, políticas, económicas já não se centram nos núcleos antigos, estão agora voltadas para estes novos lugares.

São estes 'novos centros' que contribuem para a redefinição do conceito de 'condição central'.

No território do 'hiper-espaço' a palavra 'centralidade' passa a estar relacionada com questões funcionais e relacionais, libertando-se das questões formais e de densidade construtiva da cidade canónica. A questão funcional passa a dominar sobre todas as outras (simbólica e formal).

A produção de centralidades geralmente implicaria a definição de 'áreas de influência', no entanto, num território em que os fluxos diários são definidos pelas novas tecnologias (informação, comunicação, transporte) torna-se impossível prever ou definir uma área delimitada isotrópica, pois esta varia consoante a autonomia dos indivíduos, as condições locais (por exemplo a boa acessibilidade) e relacionais (conexão metafísica com outros pontos do território), entre outras. Esta não é, por isso, uma questão estável.

Mais do que analisar a forma, é importante entender que o conceito de 'centralidade' é hoje uma questão que deve ser estudada pelos seus efeitos. Uma área que contenha uma diversidade de funções/serviços é passível de produzir efeitos polarizadores e, consequentemente, de 'efeito de centro'. O 'efeito de centro' é caracterizado pela quantidade de fluxos que a concentração de funções/serviços/actividades pode gerar. No entanto, estes fluxos muitas vezes não têm uma expressão física facilmente reconhecível, além de que a carga edificada nestes lugares também não é equivalente à capacidade que eles têm de produzir fluxos.

Estes novos centros partilham fluxos territoriais com o centro antigo, coabitam e fazem parte de uma estrutura territorial extensa. O território urbanizado é agora um espaço policêntrico, pautado por uma proliferação de núcleos funcionais mais ou menos especializados, de carácter distinto entre eles, e que determinam as complexas relações territoriais.

Mais à frente, neste trabalho, tenta-se perceber que aspectos estão implícitos quando falamos de 'novas centralidades', que tipo de efeitos produzem e que tipo de formas territoriais podem assumir.

